



BACHARELADO EM PSICOLOGIA

GABRIEL NUNES SEIXAS DE MEIRELLES

**OS OBJETOS BIOGRÁFICOS EM ILPI: MODOS DE SUBJETIVAÇÃO NO TEMPO
E NO ESPAÇO**

SALVADOR

2024

GABRIEL NUNES SEIXAS DE MEIRELLES

OS OBJETOS BIOGRÁFICOS EM ILPI: MODOS DE SUBJETIVAÇÃO NO TEMPO E
NO ESPAÇO

Trabalho de Conclusão de Curso de
Bacharelado em Psicologia da Universidade
Católica do Salvador, como requisito parcial
para obtenção do grau de Bacharel em
Psicologia

Orientadora. Profª Dra. Elaine Pedreira
Rabinovich.

SALVADOR

2024

AGRADECIMENTOS

aos meus pais e ao meu irmão.

à minha namorada Maria Karolina, pela trajetória conjunta.

à Saulo Machado, Pedro Cunha, Felipe Santos, Matheus dos Anjos, Diêgo Oliveira, João Vitor, Francisco Couto, Vera Rocha e Elisa Mascarenhas, amigos que tornam a vida mais sorridente.

à Profa. Dra. Elaine Rabinovich, pelas orientações e pelas construções conjuntas no fazer científico, e pelo incentivo à continuidade da minha formação acadêmica.

à Prof. Me. Danilo Cardoso e a Profa. Dra. Sumaia Midlej Pimentel Sá, por aceitarem compor a banca avaliadora e por seus feitos dedicados à educação.

ao Prof. Me. Júlio César Hoenisch, Prof. Dr. Isael Sena e Prof. Dr. João Marcos de Oliveira, pelos acolhimentos atentos, pelas aulas extraordinárias e pelas conversas entusiasmadas.

à Profa Dra Silvana Sarno (in memoriam), pelo fazer docente dedicado e atento às intempéries da vida.

à FAPESB, pelo apoio financeiro e incentivo à pesquisa científica nesse estado.

“Quem construiu Tebas das sete portas? – perguntava o ‘leitor operário’ de Brecht. As fontes não nos contam nada daqueles pedreiros anônimos, mas a pergunta conserva todo o seu peso.”
(GINZBURG, C. O queijo e os vermes, 2006)

“O cronista, que narra os acontecimentos em cadeia, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, faz jus à verdade, ne medida em que nada do que uma vez aconteceu pode ser dado como perdido para a história.”
(BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história, 2022)

“Vejo que nunca te disse como escuto música – Apoio de leve a mão na eletrola e mão vibra espraiando ondas pelo corpo todo: Assim ouço a eletricidade da vibração substrato último no domínio da realidade, e o mundo treme nas minhas mãos.”
(LISPECTOR, Clarice. Água viva, 2020)

RESUMO

O estudo analisou como a ausência de objetos biográficos em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) impacta os modos de subjetivação e a construção identitária dos residentes. Esses objetos, carregados de memórias e significados pessoais e sociais, desempenham o papel de mediadores de identidade e podem servir como possíveis recursos para reconstruir as histórias de vida de seus proprietários. Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, com enfoque qualitativo, que utilizou o método de estudo de casos para compreender, de forma profunda e contextualizada, as experiências dos residentes em instituições de longa permanência. A análise de dados foi conduzida com base na análise temática, conforme o referencial teórico de Minayo (2014a, 2014b) e Dias e Mishima (2023). O estudo identificou três núcleos de sentido nas narrativas dos participantes: (1) Ruptura de Laços Familiares e Comunitários, (2) Memória e Identidade e Espaços de Habitação no Contexto Asilar, e (3) Valorização do Simbólico Frente ao Material. Os resultados da pesquisa evidenciam a complexa relação entre memória, identidade e objetos biográficos no ambiente institucional. A subjetivação dos residentes é diretamente influenciada pela apropriação dos espaços e pela presença ou ausência desses objetos, que funcionam como registros materiais das histórias de vida. Ao condensarem experiências passadas, os objetos biográficos oferecem uma possibilidade de composição de narrativas, contribuindo para a compreensão das dinâmicas sociais e emocionais nesses ambientes.

Palavras-chave: Objetos biográficos. Instituições de Longa Permanência. Modo de subjetivação. Tempo. Espaço.

ABSTRACT

The study analyzed how the absence of biographical objects in Long-Term Care Institutions for the Elderly (LTCIs) impacts the modes of subjectivation and the identity construction of residents. These objects, imbued with personal and social memories and meanings, act as mediators of identity and can serve as potential resources for reconstructing the life stories of their owners. This is a descriptive-exploratory study with a qualitative approach, which employed the case study method to deeply and contextually understand the experiences of residents in long-term care institutions. Data analysis was conducted using thematic analysis, based on the theoretical framework of Minayo (2014a, 2014b) and Dias and Mishima (2023). The study identified three core themes in the participants' narratives: (1) Disruption of Family and Community Bonds, (2) Memory and Identity and Living Spaces in Institutional Contexts, and (3) Valuation of the Symbolic Over the Material. The research findings highlight the complex relationship between memory, identity, and biographical objects within the institutional environment. The residents' subjectivation is directly influenced by how they appropriate spaces and by the presence or absence of these objects, which function as material records of their life histories. By encapsulating past experiences, biographical objects offer a means for constructing narratives, contributing to the understanding of the social and emotional dynamics in these environments.

keywords: Biographical Objects. Long-Term Care Institutions. Mode of Subjectivation. Time. Space.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 Objetos Biográficos e Memória: Mediadores de Identidade e Significado na Velhice .	6
1.2 Memória, Identidade e Subjetivação: A Construção de Significados no Espaço Institucional	10
2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	15
2.2 Contextualização do projeto	16
2.3 Participantes	16
2.4 Instrumentos de coleta de dados	17
2.5 Procedimentos de análise dos dados	17
2.6 Considerações éticas	18
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
3.1 Caracterização dos participantes	19
3.1.1 Dados sociodemográficos	19
3.2 Categorias temáticas e Núcleos de sentido	20
3.2.1 Ruptura de Laços Familiares e Comunitários	22
3.2.2 Memória, Identidade e Espaços de Habitação no Contexto Asilar	23
3.2.3 Valorização do Simbólico Frente ao Material	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho fez parte de um estudo de iniciação científica vinculado ao projeto de pesquisa intitulado “Objetos biográficos da memória: notas introdutórias a um estudo em ILPI”, orientado pela Prof. Dra Elaine Pedreira Rabinovich, cujo objetivo foi compreender a vivência de idosos residentes em instituições de longa permanência, utilizando, para tal, narrativas relacionadas a objetos biográficos. A pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), sendo estimulada a se transformar em um trabalho de conclusão de curso.

Com base no contexto evidenciado pelo estudo acima, o objetivo geral do presente estudo foi analisar a ausência de objetos biográficos em espaços de residência de idosos em ILPIs, compreendendo o impacto desse fenômeno nos modos de subjetivação e na construção da identidade dos residentes. Para tanto, buscou-se refletir sobre como essa falta afeta suas vivências e memórias, estabelecendo uma relação entre a ausência desses objetos e os processos de subjetivação.

Os objetivos específicos incluem: (i) investigar como a ausência de objetos pessoais influenciam a vivência subjetiva e os processos de construção identitária dos idosos em ILPIs; (ii) examinar a relação entre objetos biográficos e a formação de memórias e vínculos afetivos ao longo das trajetórias de vida dos residentes; e (iii) explorar as funções atribuídas a objetos biográficos e seus papéis como intermediários de memórias pessoais e coletivas.

Foi realizado um levantamento bibliográfico, utilizando como critérios de seleção artigos e livros que continham as palavras-chave: “Objetos biográficos”. “Modos de subjetivação”, “Instituições de Longa Permanência” e “velhice”. Por sua vez, foram consultados autores considerados relevantes nas áreas de Psicologia Social e Sociologia.

A estrutura do trabalho está composta por três partes, a saber: (1) fundamentação teórica, na qual foram exploradas as articulações entre velhice, modos de subjetivação, memória e objetos biográficos relacionados à Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI); (2) delineamento metodológico, que inclui os seguintes tópicos: (i) contextualização do projeto, (ii) participantes, (iii) instrumentos de coleta de dados, (iv) procedimentos de análise dos dados e (v) considerações éticas; (3) resultados e discussões, nos quais foram analisados os relatos orais dos idosos sobre a ausência de suas posses vinculadas aos objetos biográficos e os modos de subjetivação exercidos no interior da instituição.

1.1 Objetos Biográficos e Memória: Mediadores de Identidade e Significado na Velhice

Um objeto biográfico possui conexão direta com as vivências e as experiências de uma pessoa. Esses objetos, ao envelhecerem junto a seus proprietários, adquirem um significado singular ao longo de suas vidas, permitindo que, quem os recorda, reconstrua sua própria história por meio das narrativas. Possuem grande valor afetivo e pessoal e cumprem distintas funções: (1) evidência histórica, situando o sujeito em alguns específicos eventos, períodos e cerimônias pessoais e sociais, ocupando a função de intermediário cultural, entre sujeito e comunidade; (2) contextualiza, situando o sujeito na multiplicidade de experiências individuais e coletivas, demarcando hábitos, costumes e status social; e (3) ilustra relações, afetos e interações das histórias de vida pelos velhos recordadores, sendo assim um instrumento mediador entre o passado, o presente e o porvir do futuro (Bosi, 2023, 2022; Morin, 1969; Nogueira et al., 2021).

Os objetos biográficos possuem, conforme Meirelles e Rabinovich (2024), dimensões religiosas, estéticas, políticas e, sobretudo, sociais. Nelas, podemos encontrar a relação entre memória e laço social. Trazem valor simbólico, emocional, histórico e refletem aspectos da vida cotidiana em relação às circunstâncias pessoais e o contexto sócio-histórico específico do indivíduo, demonstrando a singularidade de seus proprietários (Bosi, 2023; Nogueira et al., 2021).

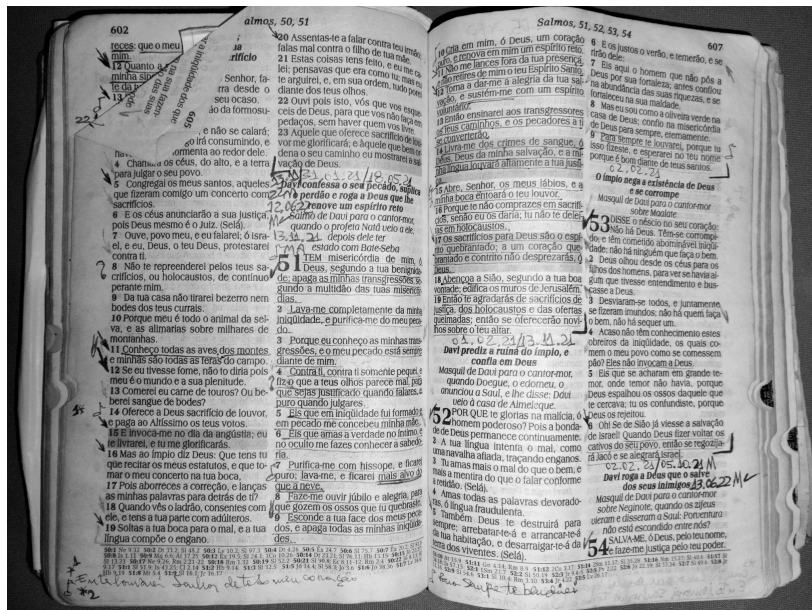
Na disposição dos objetos no espaço de moradia, encontram-se aqueles deixados visíveis para quem transita pelo ambiente, como quadros e esculturas, que carregam aspectos estéticos e ornamentais ligados ao significado atribuído pelo recordador em memória ao passado. Cômodas, altares, estantes e prateleiras frequentemente são adornados com objetos pessoais — fotografias, cartas, imagens e amuletos — que evocam lembranças de lugares, momentos e afetos (Dodebei, 2016). Outros objetos, no entanto, são guardados com zelo, por motivos diversos, e mantêm memórias preciosas, ainda que, por vezes, permaneçam ocultos (Nery et al., 2015). Como observa Antonio Cícero (1996),

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la. // Em cofre não se guarda coisa alguma. // Em cofre perde-se a coisa à vista. // Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por // admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado. // Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por // ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, // isto é, estar por ela ou ser por ela. // Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro // Do que pássaros sem vôos. // Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica, // por

isso se declara e declama um poema: // Para guardá-lo: // Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda: // Guarde o que quer que guarda um poema: // Por isso o lance do poema: // Por guardar-se o que se quer guardar.

O objeto, considerado nesses termos, é uma forma de esforço para vivificar os fragmentos do passado e pessoalizar, a partir da memória, os espaços pessoais em um ambiente institucional (Dodebei, 2016).

Figura 1 - Bíblia dada a uma residente por uma das cuidadoras da ILPI



Fonte: elaborada pelo autor (2023)

O contexto das instituições de Longa Permanência¹, é frequentemente justificada como uma opção viável para garantir a integridade física dos idosos, sobretudo

tomar parte na cultura asilar, de uma maneira geral, significa compreender e incorporar esse conjunto complexo e hierarquizado de maneiras de pensar e agir, que são dados no próprio ritmo das relações estabelecidas em cada espaço social habitado (Graeff, p. 12)

marcando um processo de adequação, por parte dos idosos, aos novos padrões culturais trazidos pela instituição (Graeff, 2007, p. 12).

¹ A Diretoria Colegiada da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA, 2020) define a ILPI como "Instituições governamentais ou não governamentais de caráter residencial, destinadas ao domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade e dignidade e cidadania".

A disposição dos objetos no espaço e a posse de objetos considerados significativos pelos residentes têm a função de pessoalizar os espaços de acordo com as preferências, desejos, necessidades ou características da pessoa que ocupa e preenche o espaço. Nesse sentido, esses objetos representam a singularidade de seus proprietários e atuam como pilares da memória e da identidade (Graeff, 2007). Segundo Rabinovich (1997, p. 1) “a subjetividade se constitui a partir de vários elementos socioculturais, sendo um deles o modo de morar” (p. 1). Para a autora,

o tempo seria responsável pelo sentido de familiaridade enraizado em rotinas corporais, nas coisas e na experiência de "interioridade". O papel do ambiente físico seria o de ser uma espécie de âncora mnemônica que estabelece quem somos através de onde viemos: uma identidade temporal não apenas ligada ao passado mas também ao futuro.

Etimologicamente, *ethos* remete tanto aos costumes quanto ao conceito de morada. Hábitos e habitação têm uma origem em comum. Uma casa, conforme Figueiredo (1995, p. 142) “pode ser concebida como um aparelho para morar”. Contudo, para quem a habita, “a casa não é utensílio e objeto, tal como os demais entes. A casa tem, como o próprio mundo, uma natureza pré-objetal” (*Ibid*, 1995, p. 142), é uma parte do mundo, mas precisamente aquela em que podemos nos sentir de certa forma protegidos. Com isso, “considerar o *ethos* como uma casa, como uma instalação, é ver nele, nos códigos, valores, ideais, posturas, condutas para consigo mesmo e para com os outros algo equivalente à moradia” (*Ibid*, p. 142).

A memória, por sua vez, também se forma em um campo sócio-histórico específico, moldada pelos espaços e lugares sociais dos quais o indivíduo faz parte. Amigos, local de moradia, família e universidade constituem recursos sociais que desempenham papéis cruciais na construção dos quadros sociais da memória (Halbwachs, 2023).

Nesse contexto, a categorização das idades revela outras construções sociais. Conforme Bourdieu (2019), as divisões entre as idades são socialmente construídas, sendo a fronteira entre juventude e velhice um objeto de disputa em todas as sociedades. Como categorias sociais, as faixas etárias impõem normas e limites que influenciam a maneira como cada fase da vida é vivenciada e compreendida. Essas divisões não são naturais, mas sim moldadas por uma lógica de classificação etária que reflete as estruturas de poder, onde cada campo estabelece leis e expectativas sobre o envelhecimento, que variam de acordo com as

ideologias presentes e estão sujeitas a manipulações e múltiplas interpretações (Bourdieu, 2019; Debert, 2020).

A idade, como um dado biológico socialmente manipulado, não define o objeto da velhice, visto que a marca biológica apropriada à velhice é representada através de rituais que estabelecem fronteiras entre as idades (Debert, 2020). Assim, a categoria de idade e a definição do grupo etário como princípio de classificação impõem uma identidade social específica ao idoso, ou seja, a velhice enquanto uma construção social (Bourdieu, 2019; Debert, 2020; Felipe; Araujo, 2014). As propriedades substanciais adquiridas com o avanço da idade cronológica, ou as propriedades definidas pela classe de idade ou geração, são dimensões que, isoladamente, não podem definir a velhice, uma vez que esta, como conceito, é composta de complexidade e multidimensionalidade, atravessada por diversos elementos, como fatores sociais, políticos, econômicos e culturais (Musial et al., 2022).

Os limites de uma faixa etária quer delimitadas em um conjunto de relações, processos e comportamentos, é arbitrariamente uma definição limite, não podendo assim restringir o objeto social enquanto uma unidade estática e universal, visto que as representações são influenciadas pelas ideias, valores, crenças e ideologias contidas em uma sociedade, resultando assim, distintas concepções sobre a velhice (Macenhan, Martinez, Tozeto, 2019).

A invenção da terceira idade surge juntamente com a construção de um conjunto de práticas, instituições e agentes especializados que a particularizam, com a finalidade de estabelecer parâmetros para a organização social. Característica das sociedades ocidentais, a classificação por idade constitui realidades sociais específicas e pode ocupar funções próprias, como a atribuição de status (maioridade legal), definição de papéis ocupacionais (entrada no mercado de trabalho) e a formulação de demandas sociais (direito à aposentadoria). Portanto, afirmar que as divisões entre as idades são arbitrárias não significa que elas não sejam efetivas (Debert, 2020).

Entretanto, a disposição objetiva contida nos critérios de definição incorporados na ideia de uma totalidade sobre a velhice esbarra na exclusão das classificações e representações específicas de um determinado recorte sócio-histórico-cultural, na medida em que "não existe uma velhice, mas maneiras singulares de envelhecer" (Peixoto apud Gusmão, 2003, p. 18) e de conceber a velhice (Debert, 2020; Bourdieu, 2019).

1.2 Memória, Identidade e Subjetivação: A Construção de Significados no Espaço Institucional

Os modos de subjetivação são processos por meio dos quais os indivíduos constroem suas identidades, maneiras de residir, pensar, sentir e agir, constituídas em relação às práticas sociais, culturais e políticas nas quais estão inseridos ao longo dos anos (Foucault, 2004; Figueiredo, 1995b). No contexto de uma ILPI, esses modos de subjetivação podem refletir a maneira como os idosos vivenciam e internalizam a institucionalização, incluindo o impacto das normas e rotinas institucionais sobre suas rotinas pessoais e formas de expressão individual (Foucault, 2004; Figueiredo, 1995a, 1995b, Goffman, 1992).

Esse processo pode significar tanto uma adaptação quanto uma ressignificação de suas experiências anteriores, uma vez que, ao serem inseridos em um novo espaço, os idosos frequentemente se deparam com desafios de acomodação emocional e social, como a ausência de objetos pessoais e de um espaço realmente próprio. A dinâmica entre o que trazem de suas histórias e o que encontram no ambiente institucional se torna, então, uma forma de (re)construção dos modos de habitar, onde novas formas de subjetivação surgem para lidar com as condições impostas pela institucionalização (Foucault, 2004; Goffman, 1992).

Assim, o corpo desempenha um papel fundamental na apropriação desses novos lugares, pois ele “é o suporte primário da comunicação social” (Graeff, 2007, p. 13). Através do corpo, incorporam-se modos de ocupar e se deslocar no espaço, e são nos gestos, na maneira de falar e na disposição dos objetos que se tornam visíveis as formas de apropriação desses espaços (Graeff, 2007). O corpo e o ambiente físico se entrelaçam na criação de significados, na medida em que os lugares deixam de ser meros espaços e passam a constituir uma extensão da subjetividade do idoso, numa “relação que não cessa de se modificar através do tempo” (Foucault, 1996, p. 24). Conforme Figueiredo (1995, p. 144)

Corpo, vestes, casa e mundo; narrativas, rituais e atividades cotidianas estão perfeitamente entrelaçados e integrados a um sistema de compreensão e ação. No centro dessa ordem estão os espaços, tempos, personagens, gestos e falas sagrados em que a realidade se mostra verdadeiramente e em torno dos quais se estende a trama do sentido.

Em consonância com essa visão, Milton Santos (2023) descreve o lugar como uma dimensão fundamental da vida cotidiana, onde as relações sociais e as experiências individuais ganham

forma. Assim, o lugar carrega significados subjetivos e emocionais, moldados pela história de vida e pelas interações dos indivíduos em suas relações sociais (Santos, 2023).

Residir, portanto, não se limita a ocupar um espaço, mas envolve a subjetivação desse espaço com base nos significados individuais e sociais (Santos, 2023). A ausência de objetos biográficos pode ser entendida como um fator de despersonalização, comprometendo não apenas os modos de habitar, mas também a possibilidade de resgatar memórias por meio dos artefatos do cotidiano, que foram adquiridos ao longo das histórias de vida dos indivíduos. Essa ausência de objetos pode ocorrer por diversos motivos, como roubos, penhoras, extravios, esquecimento ou restrições impostas pelo contexto institucional. Assim, as memórias se enraízam tanto nos espaços — sejam eles rurais ou urbanos — quanto nos objetos, que podem ser esquecidos ou preservados como alicerces de memória, materializados e fortalecidos pelos laços sociais que os conectam (Bosi, 2022, 2023; Morin, 1969; Nogueira, 2021).

Figura 2 - Relógio no pulso de um dos residentes da ILPI



Fonte: elaborada pelo próprio autor (2023)

Assim, corrobora Assman (2011) ao atribuir importância tanto ao objeto quanto ao lugar como formas de perpetuar uma memória

mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos. E não é apenas porque solidificam e validam a recordação, na medida em que a ancoram no chão, mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve de indivíduos, épocas e culturas, que está concretizada nos artefatos (p. 317).

A delimitação do objeto centra-se na compreensão das histórias que os idosos constroem em torno de seus objetos biográficos. Esses itens permitem com que seus proprietários recordem suas experiências e seus laços sociais. São importantes, pois possibilitam manter a relação do recordador com sua trajetória de vida (Nogueira et al., 2021).

Este trabalho compreende a noção de velhice como uma identidade etária historicamente determinada, visando a desconstrução da velhice como uma experiência homogênea (Debert, 2020; Glória, 2023). Nesse contexto, o papel do narrador adquire especial relevância: o narrador assume a função de transmitir um enunciado, é aquele que fala e conduz seus diferentes modos de contar aos seus interlocutores. A história oral tem por função preservar e transmitir histórias de vida, assim, é Bosi (2022, 2023) quem observa nos idosos uma importante tarefa pública: a de lembrar e a de perpetuar as memórias de sua comunidade ao longo dos anos. Observando na transmissão das histórias funções tanto individuais quanto coletivas (Cf. Le Goff, 2003), esses sujeitos, enquanto contadores de histórias, desempenham a função de mediação entre as gerações, tendo por sua função social lembrar e aconselhar. No entanto, “nem toda a sociedade espera ou exige dos velhos que se encarreguem dessa função” (Bosi, 2023, p. 66).

A velhice na sociedade contemporânea é sobretudo oprimida, despojada e banida. Destinado ao silenciamento e à exclusão, o velho, por intermédio de diversos mecanismos explícitos e implícitos, é submetido a diferentes níveis de opressão. A sociedade contemporânea o estigmatiza como improdutivo e descartável sob a égide da produção capitalista, destinando-o ao banimento, à incompetência social, à tutela, à recusa de diálogo e à discriminação, silenciando suas memórias e histórias próprias. Como bem aponta Chauí (2023, p. 18),

A função social do velho é lembrar e aconselhar - *menini, moneo* - unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade capitalista

impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. Sociedade que, diria Espinosa ‘não merece o nome de Cidade, mas o de servidão, solidão e barbárie’, a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa.

Essa dinâmica de exclusão social gera um efeito profundo nas memórias e identidades dos idosos. Esse processo de marginalização conduz a uma forma de violência simbólica: o *desenraizamento* (Bosi, 2022, 2023; Weil, 2022). Ao perderem o acesso a objetos e espaços carregados de significados — que atuavam como âncoras de suas lembranças —, a coesão de sua identidade pode ser comprometida (Bosi, 2022)

Privados de seus objetos biográficos, os idosos perdem pontos de referência de suas experiências passadas. Esse processo interfere em seus modos de habitar e limita a possibilidade de resgatar memórias por meio de artefatos cotidianos que representam marcos em suas trajetórias de vida. A ausência desses objetos enfraquece o vínculo do indivíduo com suas lembranças e com os laços sociais que sustentam sua identidade (Chauí, 2022; Bosi; 2023).

Nesse sentido, os objetos que antes eram testemunhos tangíveis de eventos, lugares e pessoas específicas sofrem uma “desconexão” quando são separados de seus proprietários, o que afeta tanto a identidade quanto as lembranças associadas a eles. Quando uma pessoa é privada dos contextos físicos, sociais e culturais que conectam suas memórias, essa separação compromete a estrutura e a integridade de suas lembranças (Chauí, 2022; Bosi; 2023).

Assim, ao serem destituídos de seus proprietários, os objetos carregados de significados e memórias perdem sua função de âncora, desfazendo vínculos essenciais para a continuidade da memória e da identidade (Chauí, 2022; Bosi; 2023).

Em paralelo a esse contexto de desenraizamento, observamos que, ao longo das últimas décadas, o envelhecimento populacional se tornou uma das principais características do novo perfil demográfico brasileiro, resultado do declínio nas taxas de mortalidade e natalidade. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), o Censo Demográfico de 2022 revelou um aumento de 46,6% na população idosa em comparação com o censo anterior de 2010, representando, atualmente, 15,8% da população com 60 anos ou mais.

Com essa mudança demográfica, as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) emergem como uma alternativa de assistência social, sendo frequentemente

justificadas como uma opção viável para garantir a integridade física dos idosos (Graeff, 2007; Watanabe; Giovanni, 2009). Neste estudo, busca-se investigar a experiência de envelhecimento de idosos que residem em ILPIs, com foco nos objetos biográficos que eles trazem consigo para a instituição. Esses objetos, longe de serem simples pertences, carregam memórias, histórias e significados, compondo um elo com as trajetórias de vida dos residentes.

Para alcançar essa compreensão, a metodologia adotada envolve entrevistas e observações em diversas ILPIs, possibilitando uma abordagem profunda e contextualizada das narrativas dos residentes. A pesquisa social, conforme propõe Minayo (2014a, 2014b), deve transcender a simples coleta de dados para captar as dinâmicas sociais e subjetividades envolvidas, reconhecendo a importância do contexto cultural e social na investigação.

Dessa forma, este estudo é especialmente relevante ao evidenciar as vivências e experiências dos idosos nas ILPIs, contribuindo para uma análise mais abrangente das dinâmicas sociais e emocionais nesses ambientes. Caracterizados pela fragilidade das relações sociais e pela carência de políticas públicas eficazes voltadas à inclusão desse grupo etário (Beveranço, 2022; Santos et al., 2021), esses espaços revelam complexas interações emocionais e sociais. Ao considerar as narrativas únicas de cada residente, este Trabalho de Conclusão de Curso propõe ampliar a compreensão dessas dinâmicas, lançando luz sobre os desafios e as particularidades da vida nas ILPIs.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Tratou-se de um estudo descritivo-exploratório, com enfoque qualitativo e utilização do método de estudo de casos, buscando compreender as experiências dos residentes em instituições de Longa Permanência de forma profunda e contextualizada. A análise de dados foi realizada mediante a análise temática segundo o referencial teórico de Minayo (2014a, 2014b) e Dias e Mishima (2023).

A pesquisa descritiva-exploratória combina duas das principais abordagens de estudos qualitativos: a descrição detalhada de um fenômeno e a exploração de novos aspectos ou relações que ainda não foram amplamente investigadas, com foco nos residentes das Instituições de Longa Permanência (ILPI), destacando suas experiências e contextos.

O delineamento metodológico deste projeto configura-se como um estudo de casos múltiplos de natureza qualitativa. O estudo de caso é uma abordagem que busca compreender um fenômeno de forma indissociável do contexto em que ele está inserido. Para Yin (2001, p.

32), o método do estudo de caso “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”, sendo comumente utilizado para lidar com condições contextuais. O objeto de estudo pode ser “uma pessoa, uma família, uma comunidade, um conjunto de relações ou processos, [...] ou mesmo uma cultura” (Gil, 2002, p. 121). Entre os métodos mais usuais para a coleta de dados estão a observação, a entrevista, a história de vida e a análise de documentos, visando obter relatos pessoais que constituem as histórias de vida dos indivíduos em suas diversas relações (Gil, 2002).

A pesquisa social busca expandir o conhecimento sobre o tema investigado, estabelecendo uma conexão com o contexto cultural em que está inserida (Minayo, 2014b; Gomes, 2001). O objeto da pesquisa social é de caráter histórico, pois está vinculado ao desenvolvimento das dinâmicas sociais, que “existem num determinado espaço cuja formação social e configuração são específicas” (Minayo, 2014b, p. 13).

Dessa maneira, o pesquisador que coleta os dados no contexto da ida a campo percebe “questões fundamentais de qualquer questão social, a provisoriidade, o dinamismo e a especificidade” (Minayo, 2014b, p. 13), em uma realidade que é composta e reconstruída por nós, já que “o mundo que nos têm como sujeitos é um mundo reconstruído também subjetivamente” (Demo, 2001, p. 24).

2.2 Contextualização do projeto

O projeto foi desenvolvido em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) de caráter privado, selecionada por meio da rede de contatos do pesquisador e situada na cidade de Salvador (BA). A ILPI possui dois andares, com a ala feminina localizada no primeiro andar e a ala masculina no segundo. Atualmente, a instituição acolhe trinta idosos, sendo vinte e duas mulheres e oito homens, e conta com uma equipe de vinte e cinco colaboradores, distribuídos entre coordenação, administração, recepção, nutrição, fisioterapia e enfermagem.

2.3 Participantes

Participaram deste estudo quatro idosos, sendo dois homens e duas mulheres. Os critérios de inclusão considerados foram: (1) ter idade igual ou superior a 60 anos; (2) residir na ILPI por pelo menos 6 meses; (3) apresentar condições favoráveis para o desenvolvimento

da narrativa e do resgate memorial; e (4) demonstrar o desejo de participar do estudo, consentindo formalmente com seu interesse. Foram excluídos os residentes que apresentassem condições clínicas neurológicas ou degenerativas que pudessem interferir na realização da entrevista. Ademais, com o intuito de preservar as identidades e garantir o sigilo e a privacidade dos participantes, foram atribuídos nomes fictícios a cada um deles.

2.4 Instrumentos de coleta de dados

O presente estudo caracterizou-se como uma pesquisa de campo, com metodologia de base qualitativa. Os dados foram coletados por meio de entrevistas abertas, que incluíram um questionário sociodemográfico e três perguntas disparadoras: (1) "O que veio com você de objeto para esse quarto?"; (2) "Você considera esse objeto importante para você?"; e (3) "Você pode me contar uma história sobre esse objeto?".

A entrevista foi realizada em um local previamente acordado com os participantes dentro da Instituição de Longa Permanência, assegurando sigilo e privacidade. O questionário sociodemográfico teve como objetivo coletar informações gerais, como idade, gênero, estado civil, escolaridade, raça, etnia e classe social, considerando ainda marcadores sociais como acesso a benefícios socioassistenciais e nível educacional.

2.5 Procedimentos de análise dos dados

A análise dos dados foi conduzida por meio da análise temática, seguindo o referencial teórico de Minayo (2014a, 2014b) e Dias e Mishima (2023). A análise temática é uma abordagem qualitativa de análise de dados, caracterizada por um modelo sistemático que possibilita a interpretação de dados de natureza qualitativa. Segundo Ayres (2008, p. 867-868), "a análise temática é uma estratégia de redução de dados e análise através da qual os dados qualitativos são segmentados, categorizados, resumidos e reconstituídos de uma forma que capta os conceitos importantes dentro de um conjunto de dados." Conforme descrevem Dias e Mishima (2023, p. 405), essa metodologia segue sete etapas: "coleta do dado, transcrição literal do dado, familiarização com o dado, acomodação dos fragmentos do discurso em um instrumento de análise, identificação das unidades de contexto, dos núcleos de sentido e dos temas," sendo que as três primeiras etapas são voltadas para a aproximação ao fenômeno estudado.

Dessa forma, a análise temática configura-se como uma ferramenta interpretativa que permite examinar o campo de estudo a partir dos dados coletados, como as entrevistas, com o

objetivo de identificar padrões de significado. Amplamente utilizada por pesquisadores das ciências humanas, essa técnica contribui não apenas para a discussão dos fenômenos em questão, mas também para uma compreensão mais profunda das subjetividades envolvidas (Dias & Mishima, 2023). Nesse sentido, o estudo considerará a composição das narrativas dos idosos residentes em instituições asilares, explorando as implicações emocionais e identitárias relacionadas à ausência de objetos biográficos.

2.6 Considerações éticas

Este projeto seguiu os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/12, de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, com foco no respeito à dignidade humana. As entrevistas foram iniciadas após a apresentação do projeto aos diretores, com a devida autorização obtida mediante assinatura do termo de anuência. A seleção dos participantes se deu por conveniência, envolvendo tanto a indicação do corpo diretivo quanto a aceitação voluntária dos idosos interessados, de acordo com critérios de acessibilidade e os critérios de inclusão estabelecidos.

Os participantes foram informados sobre a natureza do projeto, seus objetivos e métodos, e receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após consentirem, as entrevistas foram gravadas em áudio para a transcrição posterior pelo aluno. Os objetos selecionados pelos participantes foram fotografados com a permissão deles, e o TCLE incluiu a autorização para o uso das imagens dos objetos biográficos no projeto.

As entrevistas ocorreram em locais escolhidos pelos participantes dentro da Instituição de Longa Permanência (ILPI), garantindo sigilo e privacidade. Para resguardar os idosos de qualquer desconforto psicológico decorrente da participação, foi providenciado um Termo de Compromisso de Atendimento Psicológico, com a possibilidade de encaminhamento a um profissional registrado no Conselho Federal de Psicologia (CFP), caso fosse necessário. O estudo foi submetido e aprovado pela Plataforma Brasil sob o CAAE 79522024.8.0000.5628, conforme as diretrizes estabelecidas pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados serão apresentados começando pela introdução dos participantes, proporcionando uma compreensão das características de cada idoso e da história associada ao objeto biográfico escolhido por eles.

3.1 Caracterização dos participantes

3.1.1 Dados sociodemográficos

O estudo incluiu seis entrevistas, divididas igualmente entre homens e mulheres. No entanto, serão analisadas apenas quatro delas, também com divisão equitativa por gênero. Todos os quatro participantes são brasileiros, sendo Bento e Chico autodeclarados pardos, e Simone e Hannah, autodeclaradas brancas. Quanto à fonte de renda, três dos entrevistados, Simone, Bento e Chico, têm a aposentadoria como principal sustento, enquanto Hannah recebe pensão.. Para preservar a identidade dos participantes e assegurar o sigilo, foram atribuídos nomes fictícios, em conformidade com as exigências éticas. Os dados sociodemográficos dos entrevistados estão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1- Caracterização dos participantes

Nome	Simone	Bento	Hannah	Chico
Idade	75	86	69	85
Religião	Católica	Católica	Evangélica	Católica
Estado civil	Viúva	Viúva	Divorciada	Viúvo
Tempo na ILPI	3 anos	6 meses	4 anos e 4 meses	1 ano e 6 meses
Nº de Filhos	1 (já falecido)	2	0	1

Fonte: Meirelles, N, S, G. Rabinovich, E, R (2024).

Após a apresentação do perfil geral dos participantes, passaremos à exposição dos objetos biográficos narrados por eles, conforme a ordem indicada anteriormente na Tabela 1.

Simone relata a ausência de seus objetos pessoais, explicando que tudo o que possuía ficou nos Estados Unidos, onde vivia com seu falecido marido. Ela lamenta não saber o que dizer e, com certa dificuldade, resgata lembranças da infância, mencionando uma boneca, um sapatinho e um piano. Mais adiante, Simone destaca como objeto biográfico as alianças dela e de seu marido, ambas gravadas com os nomes de cada um. Contudo, ao falar das alianças, demonstra incerteza sobre seu paradeiro, expressando um sentimento de vazio. Curiosamente,

sua aliança não foi um presente do marido, mas sim um símbolo dado por sua mãe antes do casamento, representando o compromisso que estava por vir. Ela finaliza relatando que nada do que a cerca atualmente lhe pertence, reforçando seu sentimento de deslocamento e desapropriação dos objetos que outrora ancoravam suas memórias e sua história de vida.

Bento escolhe três objetos biográficos para representar suas memórias: uma aliança, um anel e um chifre de boi. A aliança, símbolo de seu casamento, e o anel, lembrança de sua formatura, foram ambos furtados após sua chegada à instituição, o que lhe causa uma profunda sensação de perda. Seu terceiro objeto, um chifre de boi que ganhou de uma amiga na infância e posteriormente transformou em chaveiro, também está ausente, pois foi deixada em sua antiga casa. Ainda assim, Bento nutre um carinho especial por esse item e planeja pedir ao filho para trazê-lo e restaurá-lo. A ausência de todos esses objetos ressalta o sentimento de desapropriação que Bento enfrenta ao vê-los distantes de sua posse e do seu cotidiano.

Hannah escolhe como objeto biográfico uma Bíblia, presenteada por uma cuidadora da ILPI onde reside. Ao longo da vida, ela teve diversas Bíblias em idiomas como hebraico, grego, francês, inglês e espanhol. Para ela, a Bíblia simboliza uma conexão espiritual fundamental: "Para mim, a Bíblia é transcendental; quando a abro, sei que a porta do céu está aberta para mim." Em suas palavras, é o objeto mais valioso que possui.

Por fim, Chico escolheu três objetos biográficos, todos ausentes no momento: um escapulário e um celular. O escapulário, com imagens de Irmã Dulce e do Senhor do Bonfim, era um símbolo importante que o conectava à família. No entanto, o escapulário desapareceu, e Chico sente sua falta, lembrando das orações que fazia pelos familiares, tanto vivos quanto falecidos. O objeto que ele considera mais importante, segundo suas palavras, é o celular, que lhe permitia manter contato com os parentes. Contudo, o celular quebrou, e agora Chico aguarda que seu filho lhe traga um novo, para poder restabelecer esse contato frequente.

Esses relatos ilustram objetos ausentes que possuem um valor significativo para seus donos, carregando memórias e significados que os conectam às suas experiências de vida.

3.2 Categorias temáticas e núcleos de sentido

Conforme salientado anteriormente, os núcleos de sentido adotados neste estudo têm origem na pesquisa inicial intitulada "Objetos biográficos da memória: notas introdutórias a um estudo em ILPI". Dessa pesquisa, foram atribuídas quatro categorias temáticas: (1) Ausência do Objeto, (2) Objeto Ornamental, (3) Objeto Religioso e (4) Objeto Instrumental,

que servem como base para o desenvolvimento deste estudo. As categorias temáticas e os conceitos norteadores que fundamentam suas definições estão detalhados no Quadro 1.

Quadro 1 - Categorias temáticas e descrição dos conceitos norteadores que originaram este estudo.

Categoria Temática	Conceito Norteador
A ausência do objeto	Objetos desaparecidos, perdidos, penhorados, quebrados ou roubados que, embora ausentes fisicamente, são evocativos nas memórias.
Objeto ornamental	Objetos que adornam e embelezam, possuindo valor estético e memorial, e cumprem também uma função de vestimenta.
Objeto religioso	Objetos que trazem valores religiosos e memórias significativas relacionadas à vida do recordador.
Objeto instrumental	Objetos de uso cotidiano que carregam memórias associadas a sua funcionalidade prática.

Fonte: Meirelles, N, S, G. Rabinovich, E, R (2024).

Este estudo, em particular, concentra-se na categoria temática da ausência do objeto e propõe núcleos de sentido com o objetivo de ampliar a discussão sobre a falta de posse desses objetos.

Com base na análise temática das entrevistas, foram identificados os seguintes núcleos de sentido: (a) Ruptura de Laços Familiares e Comunitários; (b) Memória, Identidade e Espaços de Habitação no Contexto Asilar; (c) Valorização do Simbólico Frente ao Material. O Quadro 2 apresenta esses núcleos de sentido, acompanhados dos conceitos norteadores que fundamentam suas definições.

Quadro 2 - Núcleos de sentido e descrição dos conceitos norteadores.

Núcleos de sentido	Conceito Norteador
Ruptura de Laços Familiares e Comunitários	Muitos dos objetos ausentes remetem a relações familiares e comunitárias que são importantes para os idosos, como alianças, relógios, escapulários e outros itens de valor simbólico. A falta desses objetos revela a ruptura ou o distanciamento nas conexões com familiares e amigos, evidenciando a complexidade das relações de pertencimento e da saudade no contexto institucional.
Memória, Identidade e Espaços de Habitação no Contexto Asilar	No contexto das ILPIs, a memória e a identidade dos idosos encontram expressão por meio da apropriação do espaço com objetos biográficos. Esses objetos não apenas representam fragmentos de suas histórias e vínculos afetivos, mas também permitem que os residentes transformem o ambiente asilar em um espaço mais pessoal e significativo.
Valorização do Simbólico frente ao material	Os relatos mostram que mesmo ausentes, os objetos mantêm uma presença simbólica para os idosos. A memória desses itens revela uma valorização simbólica que vai além do valor material, mostrando que, para os idosos, os objetos são essenciais para resgatar histórias e identidades individuais.

Fonte: Meirelles, N, S, G. Rabinovich, E, R (2024).

3.2.1 Ruptura de Laços Familiares e Comunitários

A ausência de objetos carregados de significado, como alianças, relógios e escapulários, reflete a perda de laços familiares e comunitários que antes ocupavam um papel importante na vida dos idosos. Muitos desses objetos ausentes evocam relações essenciais para os residentes, simbolizando conexões com familiares e amigos. Sua falta evidencia uma ruptura ou distanciamento nos vínculos afetivos, expondo a fragilidade das relações que sustentavam as memórias e identidades dos idosos. Esses itens, ao representarem momentos e relações fundamentais, quando ausentes, tornam visível a complexidade dos sentimentos de pertencimento e saudade no contexto institucional.

De acordo com Halbwachs (2024), nunca estamos sozinhos ao nos lembrarmos. A memória é moldada pelos quadros sociais que são construídos nas interações e nas instituições sociais, as quais se entrelaçam com as dinâmicas socioespaciais dos lugares, apropriados e subjetivados em uma relação em constante transformação ao longo do tempo. Esses quadros constituem as categorias de compreensão que estruturam toda a experiência humana: a linguagem, o tempo e o espaço. Segundo Graeff (2007),

ao recordarmos, a lembrança é organizada e sustentada por grupos de pertencimento [...]: a família, o grupo religioso, a classe social. É na família que, segundo Halbwachs, os indivíduos se vinculam pelo nome e parentesco (linguagem) e eventos memoráveis e comemorações (tempo e espaço). No grupo religioso, os fiéis organizam suas recordações a partir dos ritos (tempo

e espaço), dogmas, doutrinas e verdades fundantes (linguagem) (2018, p. 62).

Para o autor, a realidade é reconstituída com base nesses três quadros essenciais. A partir das representações coletivas, formam-se novas realidades materiais, que, por sua vez, redefinem as relações de linguagem, espaço e tempo (Halbwachs, 2024; Graeff, 2018). Assim, a memória se estabelece no âmbito das relações sociais, entre “os eventos e ritmos sociais, as palavras e as coisas” (Graeff, 2018, p. 64).

Nesse contexto, é Chico quem tece o vínculo entre memória e família, atribuindo ao seu escapulário com as imagens de São Jorge e Nossa Senhora, no então momento ausente, o papel de apoio para compor suas orações. Suas preces incluem tanto os entes queridos falecidos quanto os familiares ainda vivos. Embora ele não possua um altar para rezar, o simples manuseio do objeto concentrava seu ato de oração.

Essa ligação com a família também se reflete em outro objeto fundamental para Chico: o celular. Ao compor sua narrativa, ele associa o celular à função que considera mais importante: a possibilidade de manter comunicação com seus familiares, especialmente com seu filho. Com um olhar atento, Chico relembra, aos poucos, a última visita de seus familiares, mencionando promessas relacionadas ao novo celular que está para receber, além das memórias sobre os vínculos estabelecidos ao longo de sua trajetória de vida. Essas lembranças despertam nele a saudade de conversar e de trazer à tona o afeto, seja pelos laços que já se foram, seja pelos que estão distantes. Ambos os objetos, embora distintos em sua natureza, são essenciais para a manutenção de suas conexões familiares e para o fortalecimento do vínculo afetivo com seus entes queridos, pois o remetem a momentos, lugares e pessoas que marcaram profundamente suas experiências anteriores.

O escapulário e o celular foram elementos centrais na narrativa de Chico, configurando-se como suportes fundamentais para compor um conjunto de memórias preciosas. Esses objetos não apenas trazem à tona lembranças significativas de sua trajetória, mas também representam, para ele, um sentimento profundo de unidade familiar e conexão afetiva.

3.2.2 Memória, Identidade e Espaços de Habitação no Contexto Asilar

No contexto das ILPIs, a memória e a identidade dos idosos encontram expressão por meio da apropriação do espaço com objetos biográficos. Esses objetos não apenas

representam fragmentos de suas histórias e vínculos afetivos, mas também permitem que os residentes transformem o ambiente asilar em um espaço mais pessoal e significativo.

Os modos de habitar nas ILPIs se revelam tanto pela acomodação física do corpo quanto pela posse e disposição dos objetos no ambiente. Esses itens biográficos, envelhecidos junto a seus proprietários, não apenas representam fragmentos de suas histórias e vínculos afetivos, mas também permitem que os residentes transformem o ambiente asilar em um espaço mais pessoal e significativo (Bosi, 2022, 2023; Graeff, 2007).

O objeto biográfico desempenha o papel de enraizamento nos espaços de moradia, oferecendo testemunhos sobre eventos, cerimônias, lugares e pessoas (Bosi, 2022). De acordo com Bosi (2023, p. 460)

O desenraizamento é uma condição desagregadora da memória: sua causa é o predomínio das relações de dinheiro sobre outros vínculos sociais. Ter um passado, eis outro direito da pessoa que deriva de seu enraizamento.

Levando em consideração as reflexões de Bosi (2022, 2023), percebe-se que a ausência desses objetos biográficos gera uma perda de referências essenciais, especialmente entre os idosos.

Privados desses itens significativos, os idosos perdem referências essenciais de suas experiências, o que compromete a maneira como habitam os espaços e dificulta o acesso a memórias associadas a artefatos que representam marcos de suas trajetórias de vida e de outros contextos fora do ambiente institucional (Bosi, 2022, 2023).

Essa desconexão com os objetos pessoais se entrelaça com os ritmos e dinâmicas do envelhecimento em instituições. Como observa Graeff (2007, p. 17), “o processo de envelhecer no asilo assume diferentes formas e caracteres dependendo das ocupações, das distrações, dos descansos, dos hábitos, das irregularidades e dos intervalos da vida cotidiana”. Nesse cenário, a adaptação aos modos de residir em um contexto asilar depende de diversas condições, entre elas a presença de objetos que envelheceram junto com seus donos, representando tanto sua identidade quanto o mundo que os cerca (Graeff, 2007).

A presença e a disposição de objetos significativos no ambiente constituem uma das possíveis formas de ocupar e habitar os espaços institucionais. A presença e a disposição de objetos significativos no ambiente desempenham um papel fundamental em tornar o espaço mais pessoal, refletindo as preferências, desejos, necessidades e características individuais dos residentes. Esses objetos não apenas particularizam o espaço, mas também simbolizam a

singularidade de seus proprietários, atuando como importantes pilares de memória e identidade (Bosi, 2022; Graeff, 2007).

Conforme Nora (1984, p. xix), “a memória se enraíza no concreto — no espaço, gesto, imagem e objeto”. Enquanto a história se liga às continuidades temporais e às relações entre as coisas, os objetos pessoais se tornam suportes essenciais para o enraizamento das memórias individuais. Nesse sentido, a ausência ou a desapropriação de objetos pessoais, memórias e práticas pode limitar as possibilidades de pessoalizar o ambiente e torná-lo adequado a quem reside, não equiparando o espaço institucional a um ambiente de moradia e expressão (Figueiredo, 1995a; Graeff, 2007)

Diversas condições podem levar à desapropriação desses pertences de seus donos, como furtos, mudanças de moradia, restrições impostas pela instituição, ou mesmo perda. No quarto, um espaço compartilhado por mais de um residente, era possível observar os esforços de habitação: as preferências e exclusões de objetos, o modo particular de organizar os itens pessoais, o posicionamento do guarda-roupa, poltrona, cadeira, cama, além de fontes de luz, espelhos, bíblias e televisores. Esses detalhes revelavam as tentativas individuais de criar um espaço de privacidade e expressão de identidade, mesmo dentro de um ambiente coletivo.

No depoimento de Simone, emergem memórias que revelam uma trajetória marcada por perdas e desapropriações de objetos pessoais, muitos dos quais tinham um vínculo íntimo com momentos e pessoas importantes em sua vida. Quando questionada sobre os objetos que trouxe consigo para o quarto, ela responde que “não tem muita coisa”. Simone explica que o pouco que possui está guardado em um armário ao lado de sua cama, mas ressalta que esse guarda-roupa não lhe pertence, sendo da instituição e dos proprietários do local. Reflete então, com certo pesar: “Não é meu. E no momento eu estou sem um lugar pra viver”, expressando a desapropriação do espaço em que atualmente habita.

Mais adiante, Simone demonstra tristeza ao recordar a falta de algo que lhe fosse querido. Com dificuldade, ela se reconecta a alguns itens de sua infância: uma boneca, um sapatinho e um piano. No entanto, admite que brincava pouco, pois grande parte de sua infância foi dedicada ao cuidado de seus irmãos.

Em sua narrativa, Simone evoca a memória de um de seus objetos mais significativos: sua aliança. Ela atribui grande valor a esse anel, mas lamenta sua ausência, sem saber ao certo que fim ele levou, acreditando que possa ter sido penhorado junto com suas outras jóias. A lembrança desse anel está fortemente ligada ao seu falecido marido, com quem viveu no exterior, e simbolizava para ela o compromisso e o casamento, conferindo-lhe um sentido de pertencimento e identidade. Embora expresse o quanto estimava esse objeto, a aliança não a

acompanha em sua rotina atual. Simone lamenta que tudo o que possuía e guardava como importante tenha ficado para trás, o que lhe causa um profundo sentimento de perda.

Em sua narrativa, percebe-se tanto a ausência de seus objetos quanto a dificuldade de se apropriar do espaço. Essa perda de vínculos materiais e afetivos impacta seus modos de habitar, colocando-a em uma condição de desenraizamento, que dificulta sua adaptação ao novo ambiente e acentua o sentimento de desapropriação.

A desapropriação dos objetos pode ser promovida pelas restrições impostas pela instituição, quer devido à estrutura da instituição, que restringe a posse do objeto, quer ao discurso, que estabelece limites sobre o que pode ser considerado adequado para a condição de moradia em uma ILPI.

Essa realidade é exemplificada pela experiência de Bento, que, em um quarto compartilhado por três pessoas, organiza seu espaço apenas para atender a funções específicas e traz objetos para a instituição somente quando há necessidade prática. Em seu relato, Bento menciona o destino de seus objetos biográficos, como os anéis de formatura e casamento, além de um chaveiro de chifre de boi, todos atualmente ausentes de sua posse. No espaço que ocupa, não há móveis ou objetos pessoais que expressem sua identidade.

Bento relata que os objetos mais importantes de sua vida foram saqueados de seu apartamento após sua mudança para a instituição. Entre eles, destacam-se jóias como sua aliança de casamento e o anel de formatura, ambos carregados de grande valor simbólico. Esses objetos estavam profundamente conectados às suas memórias de marcos cerimoniais, representando momentos significativos situados em tempos e lugares específicos.

Entre os objetos de memória, Bento menciona também um chaveiro feito de chifre de boi, um item que ele mesmo adaptou a partir de uma calçadeira. O chifre foi um presente de uma amiga de infância chamada Ana, que, segundo ele, o entregou com um beijo na testa, gesto que ainda hoje o emociona profundamente. Embora esteja quebrado, o chaveiro permanece guardado na casa onde, segundo ele, estão a maior parte de seus pertences. Bento planeja consertá-lo para poder voltar a usá-lo.

O processo de exclusão muitas vezes implica deixar para trás itens que compõem a identidade do residente — como objetos de valor sentimental, coleções pessoais ou até mesmo móveis que antes faziam parte de seu cotidiano. A exclusão não se refere apenas à ausência de objetos, mas ao que ela simboliza para o idoso: um afastamento dos vínculos e espaços antes habitados, distanciando-o do que lhe é familiar e carregado de identidade, como lugares, objetos e pessoas.

Esses objetos ausentes são, frequentemente, itens que ocupam espaço ou que são

considerados inadequados para o ambiente da ILPI, como quadros grandes, instrumentos musicais, coleções, livros volumosos ou mesmo móveis e roupas que podem ser considerados "excessivos" ou "inapropriados". Essa limitação de escolhas e a ausência de objetos biográficos pode ser um ponto sensível para a manutenção do vínculo com seu passado e sua identidade, tornando o quarto um espaço mais impessoal e menos subjetivado.

Em determinados contextos, ao serem impedidos de trazer ou manter alguns desses itens, os residentes, submetidos a um processo de desapego, passam a vivenciar seus espaços de moradia de maneira mais impessoal, experimentando sentimentos de desenraizamento e desapropriação do lugar. Essa situação pode contribuir para uma sensação de perda de controle sobre o próprio ambiente e a vida cotidiana. Além disso, pode revelar como suas memórias são marginalizadas em favor de um ambiente padronizado e impessoal, condicionado pelas regras de conduta estabelecidas pelo contexto asilar.

3.2.3 Valorização do Simbólico Frente ao Material

Os relatos mostram que mesmo ausentes, os objetos mantêm uma presença simbólica para os idosos. A memória desses itens revela uma valorização simbólica que vai além do valor material, mostrando que, para os idosos, os objetos são essenciais para resgatar histórias e identidades individuais.

Conforme Ribeiro (2011), as coleções possuem um valor subjetivo atribuído por quem as constitui, carregando consigo “o poder de representar o indivíduo, fazendo com que o objeto se perpetue como fator de ligação entre o indivíduo e o mundo que o cerca” (*Ibid*, 2011, p. 199). Para a autora (*Ibid*, 2011, p. 206)

viajar pelos lugares através dos cartões-postais; recontar e/ou recuperar fatos por meio de prospectos de propaganda para seus amigos; compartilhar com a estátua viva na pracinha as músicas de sua coleção de caixinhas de música; colocar no presépio de natal seus soldadinhos de chumbo etc. são formas de estreitamento, de afirmação de uma identidade e de uma “pacífica impressão de continuidade”.

O colecionador organiza e registra sua coleção nos espaços domésticos que integram seu cotidiano, apropriando-se dos itens de maneira subjetiva. Nesse processo, as práticas de coleta, catalogação, armazenamento e troca tornam-se expressões dos traços pessoais do

coleccionador, evidenciando sua singularidade ao longo da construção de seu conjunto de objetos (Ribeiro, 2011, Baudrillard, 1968).

A coleção não se limita a refletir o indivíduo que a constrói. Segundo Ribeiro (2011),

a coleção assume um papel significativo no estudo das funções sociais da memória e na construção coletiva desta. Ao desvincular um objeto de seu valor utilitário e atribuir-lhe um valor simbólico, o colecionador confere a ele um caráter de excepcionalidade. No entanto, o valor simbólico atribuído a um objeto inicial pode ser ampliado e compartilhado com outros itens por meio de categorizações ou semelhanças.

O colecionador, nesses termos, é um interlocutor que torna presente tanto a memória individual quanto a coletiva, assumindo a função de preservar objetos e histórias que resistam ao esquecimento e à dispersão desses itens (Ribeiro, 2011; Baudrillard, 1968)

Esse papel do colecionador é evidente na história de Hannah, para quem sua Bíblia é um elo que conecta passado e presente. Em sua antiga casa, ela mantém uma coleção de Bíblias acumulada ao longo de sua vida, incluindo edições em hebraico, grego, inglês, francês e espanhol, cuidadosamente organizadas em uma grande estante que descreve com orgulho. Cada exemplar carrega fragmentos de sua trajetória e identidade. Atualmente, entretanto, vivendo na ILPI, Hannah possui apenas três exemplares, todos presenteados por uma cuidadora.

Essa coleção vai além do interesse intelectual, refletindo a centralidade de seu objeto religioso em sua história pessoal. A Bíblia não apenas registra sua relação com o mundo, mas também a auxilia a revisitar vivências marcadas por amores, ressentimentos, saudades e tristezas. Os relatos mostram que, mesmo na ausência de sua coleção original, Hannah constrói uma relação íntima com os novos exemplares que possui. Esses objetos desempenham um papel essencial na preservação de suas memórias e na reafirmação de sua identidade pessoal.

A Bíblia, para ela, continua a representar não apenas um objeto de fé, mas um elo contínuo entre seu passado e seu presente, reafirmando sua identidade e história. Assim, mesmo diante das perdas materiais, o valor simbólico dos objetos ressurgue como uma forma de resistência à dispersão da memória e identidade, como destacado por Ribeiro (2011), que vê na coleção e na preservação dos objetos uma forma de continuidade da história individual e coletiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral analisar como a ausência de objetos biográficos em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) impacta os modos de subjetivação e a construção identitária dos residentes. Buscou-se refletir sobre as implicações dessa ausência para as memórias e vivências dos idosos, considerando a relevância desses objetos como mediadores de lembranças, identidades e sentidos de pertencimento em contextos marcados pela institucionalização.

Abordou-se a complexidade das relações entre memória, identidade e a presença e ausência de objetos biográficos no contexto das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs). A partir dos núcleos de sentido identificados nas narrativas dos participantes, destacam-se três temas centrais que revelam como a experiência de envelhecer em uma ILPI está intimamente relacionada à interação com objetos e espaços que carregam significados pessoais e sociais profundos.

Este estudo sugere a inscrição da subjetivação nos vínculos entre os modos de morar e a apropriação dos objetos biográficos, em uma relação condensada pelas expressões do corpo como suporte primário da comunicação social. Essa dinâmica é elucidada pela enunciação da fala e pela apropriação dos espaços, mediada pelos objetos que acompanharam o envelhecimento de seus proprietários ao longo dos anos. Esses tempos ficariam registrados na matéria, a partir da qual podem ser "interpretados".

Os objetos biográficos, como possíveis recursos que auxiliam na composição da narrativa, ao condensarem fontes localizadas nos espaços ocupados ao longo dos anos, oferecem uma arqueologia das memórias relacionadas à construção da identidade de seus proprietários. Assim, ocupam, neste estudo, a categoria de elementos que originam núcleos de sentido, auxiliando na compreensão, por meio dos recursos metodológicos empregados, da importância desses objetos na vida de cada residente, dos elementos apropriados para a construção dos modos de subjetivação em um contexto institucional, e das implicações decorrentes de suas ausências.

Em suma, a relação dos idosos com seus objetos biográficos revela como as ILPIs são, para muitos, espaços de transformação onde memória e identidade são continuamente negociadas. A presença e a ausência desses objetos não apenas revelam a história de cada residente, mas também expõem as tensões entre o processo de envelhecimento e as condições impostas pelo contexto institucional. Este estudo, portanto, contribui para uma compreensão

mais profunda das dinâmicas emocionais e sociais nas ILPIs, sugerindo que o resgate e a valorização dos objetos pessoais podem ser estratégias importantes para fortalecer a identidade e os laços sociais dos idosos, promovendo um envelhecimento mais digno e significativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANVISA. Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs). s.l. ANVISA:2020. Disponível: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/servicosdesaude/saloes-tatuagens-creches/instituicoes-de-longa-permanencia-para-idosos>. Acesso em: 07 out. 2024.

ASSMAN, A. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

AYRES, L. Thematic coding and analysis. In: GIVEN, L. M. The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods. Thousand Oaks: SAGE Publications Inc., 2008. p. 867-868.

BAUDRILLARD, J. O sistema dos objetos. Tradução: Zulmira Ribeiro Tavares. Editora perspectiva. 4ª ed. São Paulo, SP. Coleção debates, 1968.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: O anjo da história. Tradução de João Barrento - 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

BEVERVANÇO, R. B. A política de atenção à pessoa idosa : e o papel do Ministério Público [recurso eletrônico] / Rosana Beraldi Bevervanço — Documento eletrônico. — Curitiba : Escola Superior do Ministério Público do Estado do Paraná, 2022.

BOSI, E. O tempo vivo da memória: Ensaio de psicologia social. 4ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2022.

_____. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 20ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2023.

BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. 2019.

CÍCERO, A. Guardar: poemas escolhidos. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CHAUÍ, M. Prefácio: os trabalhos da memória. In: Memória e sociedade: lembranças de velhos. 20ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2023. p. 17-38.

DEBERT, G. G. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. 1. ed., 3. reimp. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2020.

DEMO, P. Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos. Campinas, SP: Papirus, 2001.

DIAS, E. G.; MISHIMA, S. M. Análise temática de dados qualitativos: uma proposta prática para efetivação. Revista SUSTINERE, Rio de Janeiro, v.11, n. 1, 2023. p. 402-411.

DODEBEI, V. Objetos e memória. Revista morpheus: estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro. v. 9, n. 16, 2016.

FELIPE, T. W. S. S.; ARAUJO, S. M. N. A construção da categoria velhice e seus significados. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP. Macapá, v.7, n. 2, p. 19-33, jul.-dez. 2014.

FIGUEIREDO, L. C. F. Foucault e Heidegger: a ética e as formas históricas do habitar (e do não habitar). Revista de Sociologia da USP, 7, (1-2), 136-149. 1995a.

_____. Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos. São Paulo: Escuta. 1995b.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo, Loyola, 1996.

_____. A hermenêutica do sujeito: Curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GIL, A. C. Como delinear um estudo de caso?. In: como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GINZBURG, C. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GLÓRIA, L. L. Mulher, Envelhecimento e Relações de Poder: notas sobre a materialidade dos direitos humanos e as violências sofridas por mulheres idosas no Brasil. Revista Científica Gênero na Amazônia, Belém, n. 24, 2023.

GOFFMAN, E. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, 1992.

GOMES, R. Capítulo IV: análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 67-79.

GRAEFF, L. Instituições totais e a questão asilar: uma abordagem compreensiva. Estud. interdiscip. envelhec., Porto Alegre, v. 11, p. 9-27, 2007.

GRAEFF, L.; GRAEBIN, C.M.G. Maurice Halbwachs: dos quadros sociais à memória coletiva. In: BERND, Z; GRAEBIN, C.M.G (Orgs.). Memória Social:revisitando autores e conceitos. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, 2018.

GUSMÃO, N. M. M. Infância e velhice: Desafios da Multiculturalidade. In: Infância e velhice: pesquisa de ideias, Neusa Gusmão (org.) Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

HALBWACHS, M. Os quadros sociais da memória. Tradução de Antonio Fontoura. Curitiba, 2023.

IBGE. População por idade e sexo. Rio de Janeiro. IBGE: 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/0c84737978791f626ea10b75eae18b3c.docx>. Acesso em: 07 out. 2024.

LE GOFF, Jacque. História e memória; tradução Bernardo Leitão ... [et al.]. - 5ª ed.- Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LISPECTOR, Clarice. Água Viva. Rio de Janeiro – RJ, Ed. Rocco, 1ª ed., 2020.

MACENHAN, C. S.; MARTINEZ, F. W.; TOZETTO, S. A constituição das representações dos sujeitos: uma análise com base em Bourdieu, Chartier e Lefebvre. Fac. Sant'Ana em Revista, Ponta Grossa, v. 2, p. 170- 189. 2019.

MEIRELLES, N. S. M.; RABINOVICH, E. P. Objetos biográficos da memória: notas introdutórias a um estudo em ILPI. Apresentado na Semana de Mobilização Científica (SEMOC), Salvador: UCSAL, no prelo.

MINAYO, M. C. S. (Org.). O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. São Paulo: Hucitec. 2014a.

_____. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 23. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014b.

MORIN, Violette. L'objet biographique. Communications. Paris: École Pratiques des Hautes Études, Centre d'Études des Communications de Masse, n. 13, 1969.

MUSIAL, D. C. et al. Velhices Indígenas: da desigualdade e da injustiça ao reconhecimento da totalidade e da alteridade na posição social: o estado da arte reparado. Revista Kairós-Gerontologia, v. 24, p. 7–27, 2022.

NERY, O. S. et al. Caixas de memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas da ficção. Revista Ciências Sociais Unisinos, v. 51, n. 1, p. 42-51, jan./abr. 2015.

NOGUEIRA, L. M. O. et al. Memórias na velhice e narrativas de si a partir de objetos biográficos. Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural, Alagoinhas-BA: Laboratório de Edição Fábrica de Letras - UNEB, v. 11, n. 2, p. 137–161, 2021.

NORA, P. *Les lieux de la mémoire*. Paris: Gallimard, vol. I, 1984.

RABINOVICH, E, P. A casa como tempo: a bilheira e as três temporalidades. Psicologia, ciência e profissão, 17 (3), 1997.

RIBEIRO, L, B. Por que você não coleciona selos como todo mundo? Velhice e objetos de coleção na trajetória de Urbano, O Aposentado. Ciências Sociais Unisinos, v. 47, n. 3, p. 199-207, set./dez., 2011.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. Edusp; 1ª ed., 2023.

SANTOS, T. C. V. et al. Vínculos familiares dos idosos institucionalizados. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 12, 2021.

WATANABE, H. A. W.; GIOVANNI, V. M. D. Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI). *Envelhecimento & Saúde: Boletim do Instituto de Saúde*. 2009.

WEIL, S. O enraizamento: prelúdio a uma declaração de deveres com relação ao humano. Editora Âyné. Trad. Giovanni T. Kurz. 2022.

YIN, R, K. Estudo de caso: planejamento e métodos. Tradução: Daniel Grassi. - 2ª ed. - Porto Alegre : Bookman, 2001.